

# NOTAS SÔBRE A OCUPAÇÃO HUMANA DA MONTANHA NO DISTRITO FEDERAL \*

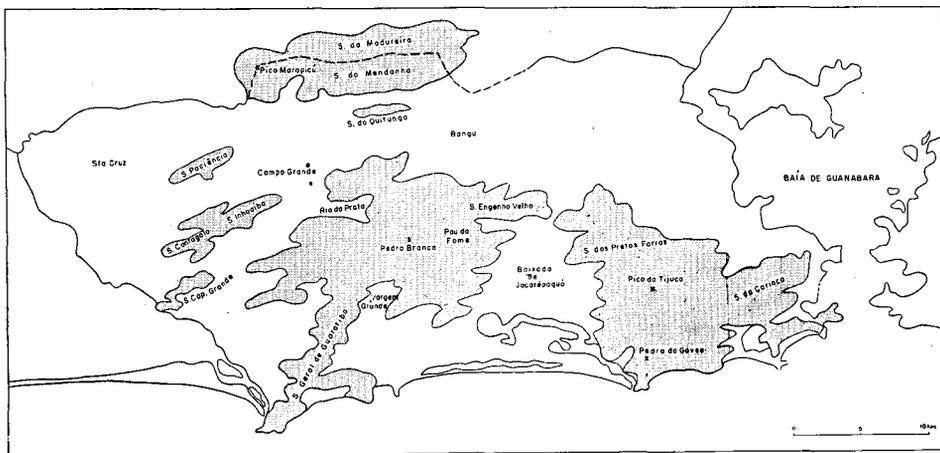
NILO BERNARDES

Geógrafo do CNG  
Sócio efetivo da AGB

Com área relativamente pequena, o Distrito Federal apresenta, entretanto, em sua zona rural, fortes contrastes, quer fisiográficos quer culturais, a exemplo do que sucede na sua área urbana. Realmente, a oposição de dois grandes tipos de paisagem — a “baixada”, com suas colinas suaves e suas planícies, e a “serra”, com seu relêvo enérgico, suas vertentes íngremes e seus picos escarpados — assume curiosos aspectos quando consideramos as formas de ocupação rural e seu conflito com a expansão urbana.

Para os que não tiveram ainda oportunidade de conhecer a zona rural do Distrito Federal, ouvir falar da importância do povoamento rural das montanhas cariocas pode parecer algo insólito, pois estão mais habituados a ver as montanhas orientais ocupadas nas suas vertentes inferiores por um bairro, uma favela ou, então despovoados. Acresce que as zonas agrícolas de que mais comumente se fala são trechos da “baixada” e, dêste modo, a atividade rural é associada sobretudo à paisagem das colinas e várzeas.

Entretanto, embora não chegue a apresentar valores de densidades demográficas particularmente elevadas, a ocupação humana em certas áreas montanhosas do Distrito Federal assume importância digna de nota. Nada igual se verifica, por exemplo, ao longo da encosta da serra do Mar, mesmo nos trechos em que ela é atravessada por importantes vias de comunicação.



O Distrito Federal, notando-se na côr cinza as áreas dos maciços e das principais cristas isoladas. Estão assinalados os topônimos mencionados no texto.

\* Resumo da palestra realizada em 29-8-1958 no curso de Geografia Carioca promovido pela Seção Regional do Rio de Janeiro da Associação dos Geógrafos Brasileiros.

Três grandes maciços, que se destacam abrupta e imponentemente das rasas colinas e nesgas de planície que constituem a "baixada", contribuem para a caracterização do Distrito Federal como região montanhosa litorânea. Tenha-se em mente, contudo, que a baixada (colinas e várzeas) predomina, abrangendo área superior a três quartos do total<sup>1</sup>.

Das três grandes áreas montanhosas do Distrito Federal, o maciço da Pedra Branca, que culmina com o pico dêste mesmo nome (1 024 metros), é o que abrange maior área e atinge maior altitude. É também o que apresenta maior intensidade de ocupação agrícola. Nêse se solda o alinhamento conhecido como serra Geral de Guaratiba, disposto na direção NNE-SSW, que constitui o único grande esporão montanhoso que intercepta a linha de costa a oeste da Pedra da Gávea.

O maciço da Tijuca (1 021 metros no pico dêste nome) é o que apresenta a maior freqüência de montanhas íngremes, escarpas rochosas e cristas muito abruptas, tais como a serra da Carioca. É a área montanhosa que apresenta menor aproveitamento agrícola na atualidade. Suas encostas orientais já foram parcialmente conquistadas pela expansão urbana e a pequena ocupação rural é encontrada, sobretudo, em manchas, nos flancos ocidentais.

A serra do Mendanha (887 metros), apesar de bem larga, tem disposição francamente alongada em seu conjunto, distinguindo-se, por isso, da conformação topográfica geral dos dois maciços acima. Talhada em várias cristas, ela apresenta, no seu conjunto, uma secção ligeiramente trapezoidal. A oeste, o pico do Marapicu, enorme massa sienítica, ligeiramente cônica, pode ser considerado o extremo ocidental do relêvo em questão. A parte norte da serra do Mendanha, já fora do território do Distrito Federal, constitui a chamada serra de Madureira que se alça sobre a região de Nova Iguaçu. Contudo, por necessidade de comparação faremos referências aqui a êste flanco do Mendanha, não importando sua posição exterior ao âmbito do Distrito Federal.

Existem além dêsses maciços, algumas cristas isoladas que, embora com altitudes bem mais modestas, sobressaem igualmente das colinas e planícies aluviais. As mais importantes são a serra do Quitungo (paralela à do Mendanha, que atinge mais de 220 metros), as serras da Capoeira Grande (400 metros), Cantagalo (160 metros), Inhoaíba (logo a oeste do maciço da Tijuca, 270 metros) e a serra da Paciência (entre Campo Grande e Santa Cruz).

Não obstante a variedade petrográfica que se verifica no Distrito Federal<sup>2</sup> — granitos e grano-dioritos na Pedra Branca, foiaitos e mendanhitos no Mendanha e Marapicu, dioritos, granitos diversos e diabásio na Tijuca — impressiona a marcante influência da direção

<sup>1</sup> A área do Distrito Federal com altitudes superiores a 100 metros corresponde a 21,7% do total (FÁBIO DE MACEDO SOARES GUIMARÃES, "Relêvo do Brasil", *Boletim Geográfico*, ano I, n.º 4, julho de 1943, p. 71.

<sup>2</sup> Veja-se o mapa geológico in: EVERARDO BÄCKHEUSER — "A Geologia do Distrito Federal", *Boletim Geográfico*, ano III, n.º 35, fevereiro de 1946.

de xistosidade dos gnaisses. Em grande parte os afloramentos das intrusivas são alongados segundo a direção geral, no caso: ENE-WSW. A evolução topográfica não se abstrai da importância da direção geral. A maior parte dos vales, ou trechos de vales, que dessecam os maciços traem essa influência, bem como a da presença de diáclases e falhas e a topografia enérgica resultante não deixa de ser fruto de facilidade maior de aprofundamento. Encostas íngremes constituem a regra geral nos maciços, seja nas vertentes dos vales que os recortam, nos lados dos grandes esporões que seccionam as suas bordas ou nos flancos das grandes elevações culminantes. Por outro lado, percebe-se por tôda parte, com que grau a estrutura é responsável pelas formas alongadas do relêvo. A regra geral é o modelado de cristas ora pequenas ora mais desenvolvidas. Não só nos interflúvios e nas cristas isoladas a que aludimos se percebe a tendência para formas prismáticas (veja foto 1), mas também nos morros recortados nos flancos dos blocos isolados (tal, como, por exemplo, os morros do Viegas e do Lameirão e a serra de Bangu ao norte da Pedra Branca). A frequência com que se registra o desenvolvimento de planos de encostas voltados para o norte e para o sul, não só caracteriza a topografia da montanha carioca, como também é de suma importância para a utilização da terra.

*O relêvo e a utilização da terra* — Há, de modo geral, certa uniformidade na paisagem cultural das zonas agrícolas da montanha carioca. Uniformidade que melhor se exprime pela constância de dois aspectos.

Assim, por exemplo, quando da estrada do Guandu do Sena, entre Bangu e Campo Grande, se observa o flanco meridional da serra do Mendanha, o que mais impressiona é a frequência dos trechos de mata, das capoeiras e do aspecto fechado das culturas, serra acima, em que maior acuidade de observação revela a predominância de bananais e latadas de chuchu. A vertente oposta do mesmo alinhamento montanhoso, observada de Nova Iguaçu (estado do Rio de Janeiro) oferece aspecto diferente. De modo geral, a impressão é desoladora. São raros os trechos de vegetação arbórea a meia encosta e nas encostas inferiores. O verde mais claro dos capinzais que predominam naqueles morros contrasta com o verde escuro da folhagem abundante no outro lado. Mesmo quando há laranjais com seu característico espaçamento, grimpendo até grandes alturas, eles não conseguem disfarçar a nudez das encostas.

O mesmo contraste poderá ser observado, ora com igual, ora com menor nitidez, em muitos outros lugares das montanhas cariocas. Veja-se, por exemplo, a pequena serra constituída pelos morros do Viegas e do Lameirão, dois esporões do maciço da Pedra Branca na zona do Rio da Prata em Campo Grande. Ou a serra do Engenho Velho, em Jacarépaguá. Até mesmo nas baixas cristas isoladas a que fizemos alusão, pode-se observar tão flagrante diferença de vertentes, segundo a exposição.

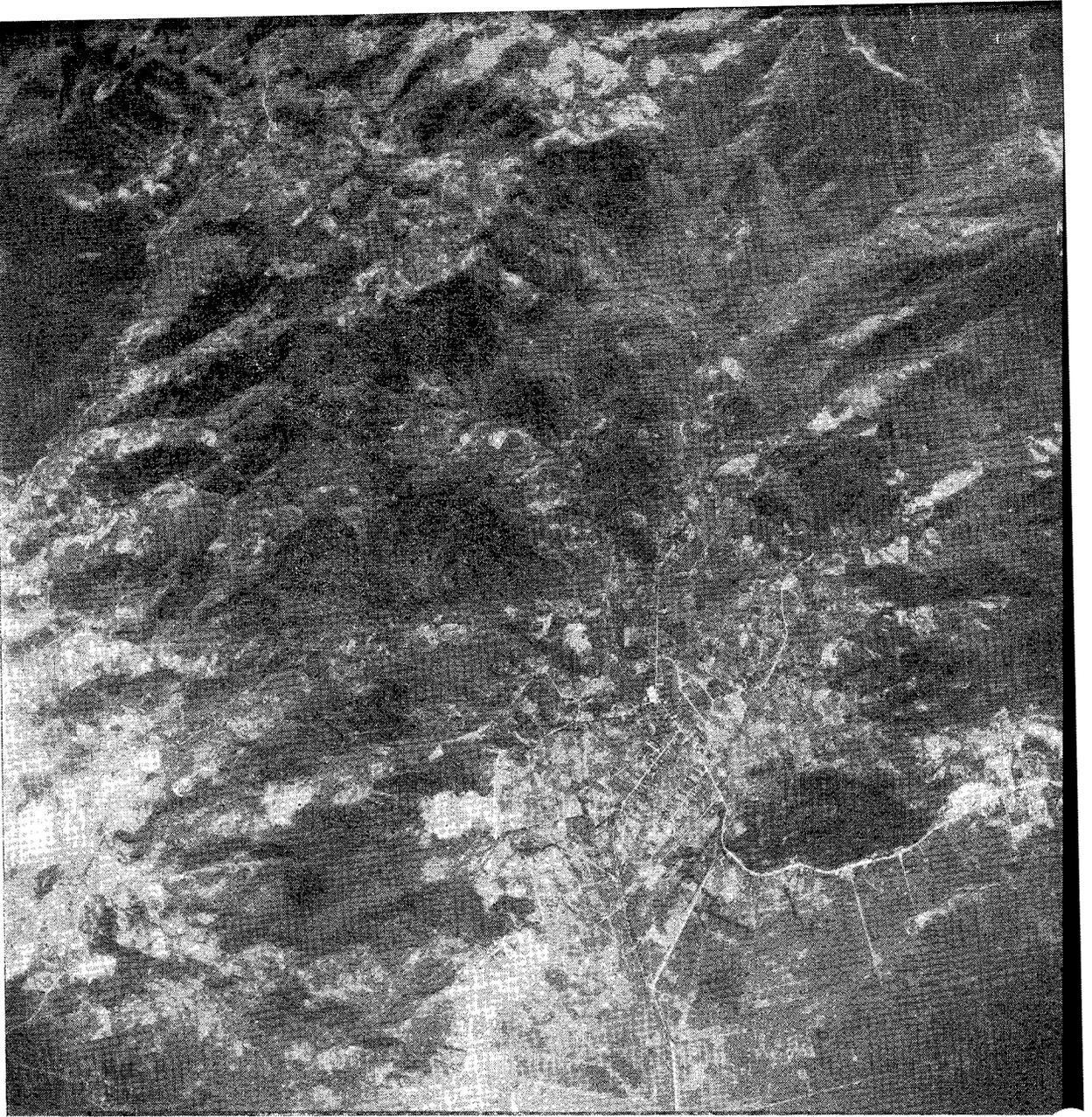


Foto 1 — Aerofoto da zona de Vargem Grande, uma área da vertente meridional do maciço da Pedra Branca. O norte está indicado pela seta. Percebe-se como as cristas estão predominantemente alinhadas no sentido Ne-SW e como as diferenças de tonalidade revelam claramente as diferenças de paisagem cultural das vertentes conforme é aludido no texto. (Aerofoto tomada às 11,20 horas do dia 15-VII-1957. Clichê CNG).

O fato é nítido e sua generalização é claramente mostrada pelas aerofotografias. Quando não se verifica uma diferenciação no tipo de utilização da terra, percebe-se como é diverso o modo de recomposição espontânea da vegetação depois que o solo é castigado por uma acentuada intervenção humana. Embora referido ligeiramente por alguns autores, trata-se de fato pouco conhecido, digno de maior atenção. Merece êle um pormenorizado estudo dos fatores físicos em jôgo, coisa que necessitaria mesmo pesquisa sistemática e demorada, a qual viria revelar, certamente, curiosos aspectos das conseqüências da ocupação nas vertentes.

Entre outros, MAGALHÃES CORREIA, oferece-nos a seguinte observação: "Quem passa pelas belas estradas de rodagem da Tijuca, Guaratiba, Rio Grande e mesmo pela rua Cândido Benício, vê belíssimos capoeirões verdejantes e mesmo matas, mas se por curiosidade vir o lado oposto dos morros e encostas, terá uma grande decepção: só morros pelados"<sup>3</sup>. O autor, entretanto, não nos precisa a exposição das referidas encostas.

Do ponto de vista meramente fisiográfico, o primeiro fator a que se pode atribuir tais contrastes nas vertentes opostas de uma mesma crista ou morro é a diferença de umidade. De fato, a vegetação nas encostas voltadas para o sul é sempre a mais beneficiada por maior umidade, resultante não só do efeito orográfico nas precipitações acarretadas pela massa de ar frio, como também pela frequência das brisas marítimas, que sabidamente proporcionam ambiente úmido aos anteparos que encontram. "Essa pluviosidade alta", diz FRÓIS ABREU, "é responsável pela exuberância da floresta que cobre as encostas das montanhas voltadas para o lado sul"<sup>4</sup>. Entretanto, deve-se considerar que até mesmo em pequenas e baixas cristas onde seria desprezível o papel do relêvo na condensação ou, o que é importante, nos menores esporões das vertentes de sotavento dos maciços, a simples desigualdade de umidade do ar não seria suficiente para explicar as diferenças referidas. Por outras palavras, a influência do relêvo na condensação e precipitação, com os efeitos que nos interessam, não seria sensível senão na escala dos maciços e seus esporões principais, tornando-se desprezível quando se trata do pormenor topográfico.

Por outro lado, a importância do efeito de *föhn*, determinando um abaixamento da umidade relativa ao norte das montanhas, sofre compensação parcial com os totais de chuva bem mais elevados dos meses de verão (chuvas de convecção), quando, somente em janeiro, chegam a ultrapassar 200 milímetros na baixada ao norte dos maciços da Tijuca e Pedra Branca<sup>5</sup>. Dêste modo, embora admitindo a relevância do papel da pluviosidade não podemos, entretanto, deixar de considerar a grande importância de outros fatores.

Para o tema que nos interessa, o que importa no comportamento da vegetação secundária ou das culturas — e seria muito importante desenvolver investigações a respeito — é não somente a temperatura, a umidade do ar e os totais de precipitação, mas também, e sobretudo, a umidade incorporada ao solo e à disposição das plantas, em cada uma das encostas em questão. Nesse particular, a insolação assumiria então, particular importância. Não somente pelo seu papel direto no desenvolvimento dos vegetais espontâneos, como também pelo aquecimento do solo e conseqüente atividade evaporadora.

<sup>3</sup> MAGALHÃES CORREIA — "O Sertão Carioca": *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, vol. 167 — 1.º, 1933, p. 85.

<sup>4</sup> SÍLVIO FRÓIS ABREU — *O Distrito Federal e seus Recursos Naturais* — 318 pp., illust. Conselho Nacional de Geografia, Rio de Janeiro, 1957, p. 3.

<sup>5</sup> Veja-se, a propósito, ADALBERTO SERRA e LUISANDRO RATISSONNA — "O Clima do Rio de Janeiro", *Boletim Geográfico*, n.º 28, julho de 1945, pp. 527/560.



Foto 2 — Aerofoto de um trecho do flanco sul do Medanha. A pequena crista do Quitungo (metade inferior da foto) é percebida de imediato justamente pelo contraste revelado entre as suas duas vertentes. Pela sua tonalidade escura a encosta sul, coberta por capoeiras arbustivas e arbóreas ou por culturas fechadas e de folhagem abundante, difere da encosta norte, geralmente desnuda, sustentando apenas capinzais nos trechos em que não existem laranjais ou outras culturas de soalheira. O trecho do Medanha aqui focalizado está quase todo tomado por uma reserva florestal, podendo-se, entretanto, ver exemplo de crista, como a do centro à direita onde é visível a diferença de devastação e da utilização do solo. (Aerofoto tomada às 12,30 horas do dia 11-VII-1957. Clichê CNG).

A diferença de insolação nas vertentes, se investigada devidamente em seus efeitos, revelaria conseqüências as mais diversas. A própria evolução do solo apresentaria modalidades, sem dúvida muito ligadas ao maior ou menor aquecimento direto dos flancos de montanha. Com o desmatamento, removida a proteção secular, o solo, mais exposto, mais sensível se torna aos efeitos dos raios solares. Também é importante considerar que a encosta mais aquecida e ressequida perde com mais facilidade as partículas superficiais ao impacto das gotas e ao fluxo

de escoamento das primeiras chuvadas. Para a regeneração espontânea da vegetação seria então capital o fato de que o solo se modificaria em suas características. Do mesmo modo que, com o correr do tempo, as possibilidades de cultivo de determinadas plantas não continuam as mesmas, uma vez que elas não deixam de subordinar primordialmente as modalidades distintas de exposição das vertentes aos raios solares.

Não é difícil imaginar como devem ser diferentes as condições de insolação em cada encosta de uma montanha ou crista. A orientação predominante dos alinhamentos, conforme lembramos, resulta em flancos nitidamente voltados para o norte e para o sul. Ora, as encostas norte são muito mais expostas à incidência dos raios solares, tanto no inverno quanto no verão. Pois se trata de uma latitude — aproximadamente a do trópico — onde já é bem sensível a diferença de altura do sol ao meio-dia. Assim, nos meses de inverno a incidência dos raios solares é próxima da perpendicular ao plano da encosta voltado para o norte, tão íngreme êle costuma ser. O flanco sul ficará apenas parte do dia fora da sombra, nos seus trechos mais íngremes. Nos meses de verão, quando as condições pareceriam ser idênticas para ambos os lados, com a culminação solar quase zenital, há a circunstância de que é o lado norte das montanhas que recebe o máximo de insolação à tarde, uma vez que as direções dos alinhamentos são sobretudo ENE-WSW.

Os próprios lavradores das montanhas e fundos de vales dão grande importância à diferença de insolação das vertentes e costumam distinguir duas classes de terras, cuja designação é muito significativa: encosta de “soalheiras”, menos úmidas e mais “quentes” e encostas de “noruegas”, úmidas e com maior frequência “ensombreadas”.

É certo que nem o fato em causa, nem os próprios termos que designam as duas classes de vertente são restritos às montanhas do Distrito Federal. Em qualquer parte das terras cafeeiras do Brasil sudeste é comum os lavradores distinguirem a noruega e a soalheira, esta sendo, simplesmente, a encosta que recebe o máximo de sol no período da tarde, em oposição àquela<sup>6</sup>. Contudo, dificilmente se encontra uma zona no sudeste brasileiro em que esta diferença de insolação seja tão importante a ponto de produzir substancial diversificação da paisagem cultural.

A par da vegetação secundária, é a própria utilização da terra que se reparte segundo as encostas. Nas noruegas são cultivadas de preferência plantas que requerem umidade, principalmente a banana prata e o chuchu, que constituem produtos típicos da montanha carioca. Nas soalheiras são estabelecidas culturas que exigem bastante sol ou que temem a umidade constantemente elevada, tais como a laranja, o mamão, a mandioca.

<sup>6</sup> Veja-se, a propósito: ROGÉRIO DE CAMARGO e ADALBERTO DE QUEIRÓS TELES JÚNIOR — *O café no Brasil*, 2 vols., Serviço de Informação Agrícola do M.A., Série Estudos Brasileiros, n.º 4, Rio de Janeiro, 1953, 1.º vol., p. 314.

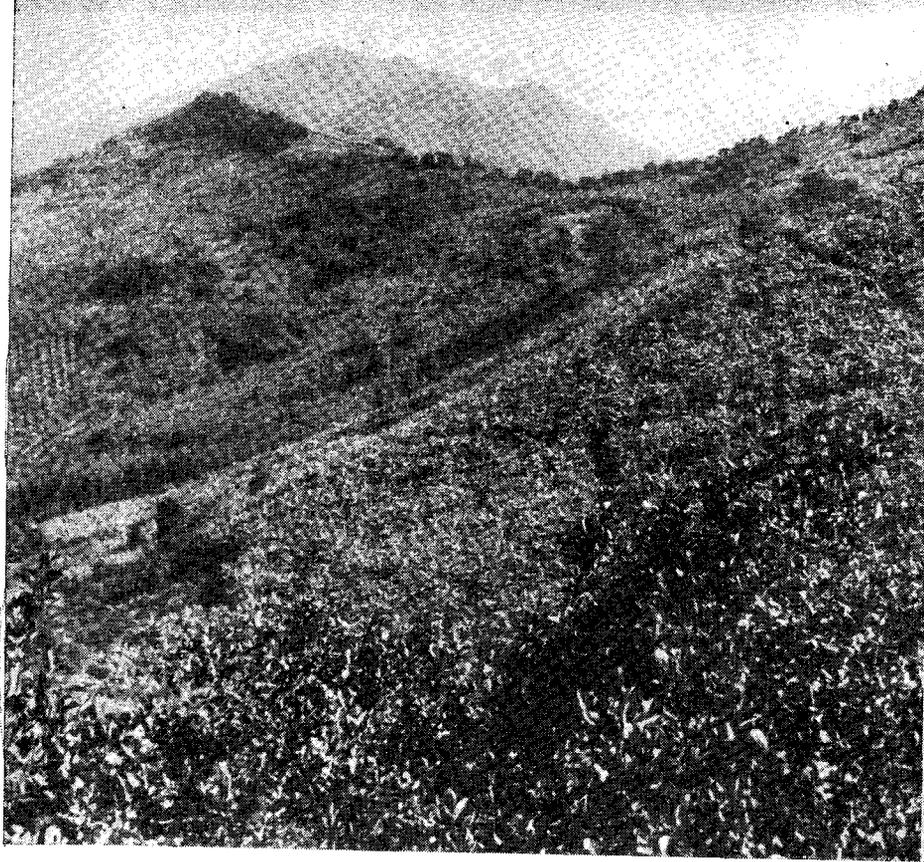


Foto 3 — *Bananal* numa encosta noruega Mendanha. Observe que os trechos não cuidados são ocupados com uma vegetação secundária predominantemente arbustiva ou arbórea. fundo o pico do *Mapicu*. (Foto do autor, julho de 1954).

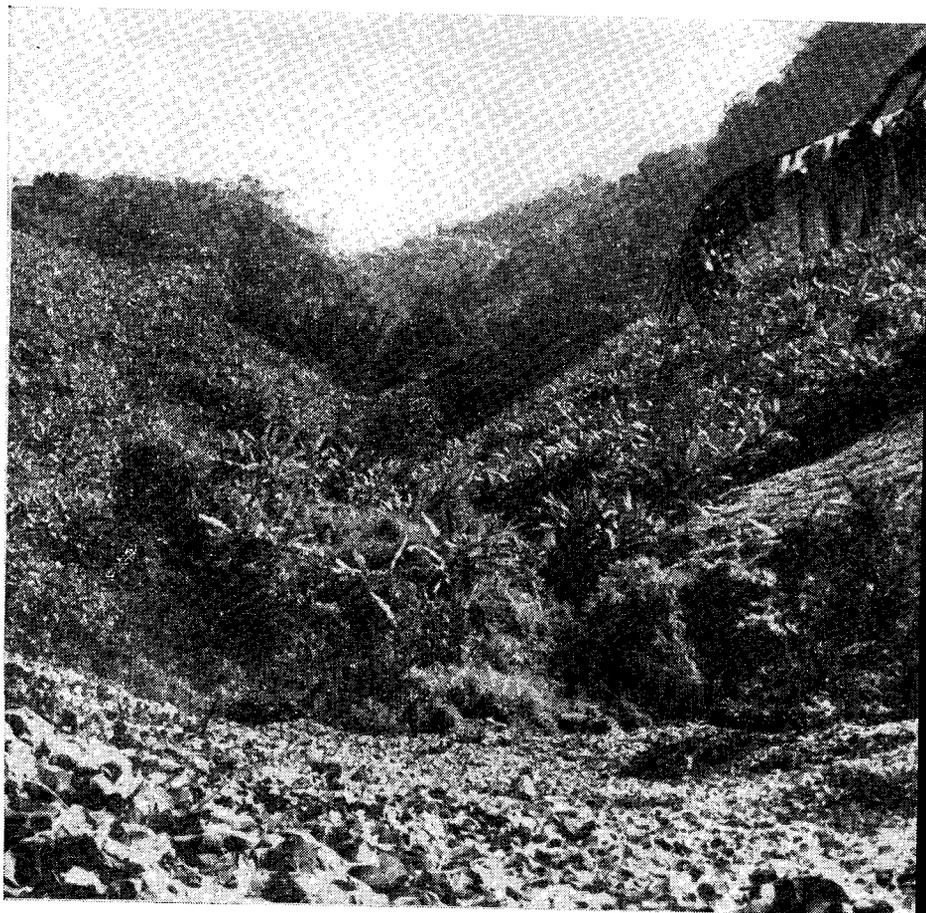


Foto 4 — Aspecto característico da ocupação de uma encosta noruega: no primeiro plano a latada de *chuchu*, ao lado da qual se estendem os *bananais* e ao fundo um *capoeirão*. (Foto do autor, junho de 1954).

Na mesma vertente, contudo, podem ocorrer condições diversas das que são características. Assim, certos trechos de soalheira ocorrem nos flancos meridionais das montanhas, correspondendo a uma rechã mais ou menos desenvolvida, coisa que com freqüência se pode observar na meia encosta inferior, como é natural. Do mesmo modo, constituem frações de noruega em encosta soalheira, as grotas entalhadas pelas pequenas torrentes, denunciadas a distância pela maior densidade da vegetação.

O fato é que, dentro da constância dos aspectos referidos, a paisagem agrária reflete certa variedade. Aliás, a produção agrícola não se restringe aos produtos acima. Com efeito, os lavradores das montanhas cariocas são policultores, na medida de suas possibilidades culturais e segundo as condicionantes fisiográficas em causa.

*A agricultura dos sitiantes da serra* — É de se admirar a variedade de produtos que descem, para os mercados e feiras cariocas, daquelas encostas que, observadas da baixada, parecem escassamente aproveitadas.

Além das plantas referidas, os mais variados tubérculos tais como a batata, o nabo, a cenoura e a citada mandioca. As plantas de “miudezas” (hortaliças) têm ponderável lugar na economia local. Aproveitam, para tanto, todos os trechos mais favoráveis, as encostas menos íngremes possíveis, as pequenas bacias suspensas e não hesitam, muitas vezes, em parcelas as culturas em diversas nesgas, entre os numerosos blocos rochosos que pontilham certas áreas das encostas.

As plantas de “miudeza” são cultivadas ora em “soalheiras” (no inverno) ora em “noruegas” (no verão). Em alguns lugares, como em Jacarepaguá, chamam de “roça sêca” produtos tais como o aipim, a mandioca e a batata, que não precisam de rega, ao contrário dos produtos de “chacra” ou miudeza, entre os quais o chuchu, a cenoura, o nabo e a salsa. Com exceção do chuchu, regado por gravidade, os demais são quase sempre regados a regador.

Alguns produtos são destinados, preferencialmente, ao consumo próprio, tais como o feijão ou o milho, êste cultivado para manutenção de aves e porcos, uma vez que, muito embora parcimoniosa a criação miúda é bem difundida entre os sitiantes serranos.

Em geral, quando o sitiante é proprietário ou quando a antiguidade da ocupação veio conferir certa segurança de estabilidade ao morador, árvores frutíferas de espécies variadas completam o arranjo do terreno em tórno da casa, coisa que raramente é encontrada no caso oposto. Na região da Vargem Grande é êste um aspecto muito característico da paisagem rural, onde até mesmo cafeeiros ainda se podem encontrar em aproveitamento para o consumo próprio dos lavradores<sup>7</sup>.

<sup>7</sup> MARIA DO CARMO CORREIA GALVÃO — “Lavradores Brasileiros e Portugueses na Vargem Grande” — *Boletim Carioca de Geografia*, ano X, ns. 3 e 4, 1957, pp. 35-60.

Veja-se também: AMÉLIA ALBA NOGUEIRA, “Vargem Grande — Alguns Aspectos Geográficos” — *Boletim Carioca de Geografia*, ano IX, ns. 1 e 2, 1956, pp. 49-71.

A banana prata, o chuchu, a laranja, o mamão, as hortaliças tuberosas e a batata são, então, os principais produtos de venda. Parece-nos que as hortaliças foliares ocupam posição secundária nesta variedade de culturas. Seria, possivelmente, devido às condições do transporte, em lombo de muar, que exige embalagem muito cuidadosa. Mas talvez tenha particular importância o fato de que elas não possuem sistema radicular capaz de resistir satisfatoriamente ao lençol de escoamento, em encostas, onde os declives acentuados constituem a regra geral.

É realmente impressionante a falta de noção dos efeitos da erosão por parte desses lavradores. As impetuosas enxurradas encontram nas práticas usualmente empregadas o seu melhor aliado. Não há dúvida que, observado o panorama geral da agricultura brasileira, tal fato não significa novidade alguma. Mas devemos considerar a circunstância de que se trata aqui de zona muito próxima, nos arrabaldes, mesmo, de um grande centro demográfico. E a importância do mercado consumidor, logicamente, deveria ser fator inestimável, a atuar como estímulo econômico, conduzindo ao emprêgo de técnicas razoáveis de cultivo e de preservação do verdadeiro patrimônio agrícola que é o solo.

No seu aspecto mais geral, a paisagem agrária das encostas pouco difere das muitas que encontramos no interior do país, a centenas de quilômetros de distância da capital federal. Pode-se ver, entre os bananeais, mas sobretudo, entre os laranjais, as mesmas raquíticas capoeiras e a mesma disposição irregular das várias culturas. Assim é que predomina, também, a mesma despreocupação pela defesa do solo, contra o depauperamento e contra a erosão.

Para certas culturas, dada sua própria natureza, essas práticas culturais não apresentam inconvenientes tão sérios. Estão nesse caso as que preferencialmente se praticam nas encostas noruegas. As bananeiras, por exemplo, em tempo relativamente pequeno constituem touceiras, mais ou menos cerradas e, por sua folhagem desenvolvida, detêm boa parte do impacto das águas pluviais e atenuam a violência do escoamento das mesmas. Além do mais, os talos que vão sendo largados no terreno, barram um pouco as águas e, pelo seu apodrecimento, vão incorporando húmus ao solo. De certo modo, também, as latadas de chuchu constituem razoável anteparo e as covas, sempre bem tratadas e adubadas, não deixam de contribuir para reter parte do lençol de escoamento.

O oposto se poderia dizer dos laranjais, que em não poucos casos ocupam, absurdamente, encostas tão íngremes que jamais deveriam ser consideradas como terras de cultivo. Aliás, é o que também ocorre com os bananeais. Mas as laranjeiras se dispõem em fileiras segundo as linhas de maior declive e as largas "ruas" entre elas são regularmente limpas, expondo-se ainda mais o solo.

Contudo, é possível observar-se, vez por outra, alguns tímidos trabalhos defensivos, representados por pequenas valas ou cordões de

Foto 5 — Encosta norte chamada serra do Banyu, crista esculpida na parte setentrional do maciço da Pedra Branca. Sente-se a fraca utilização da terra neste trecho de soalheira, não obstante a devastação total produzida na mata primitiva. (Foto do autor, agosto de 1958).

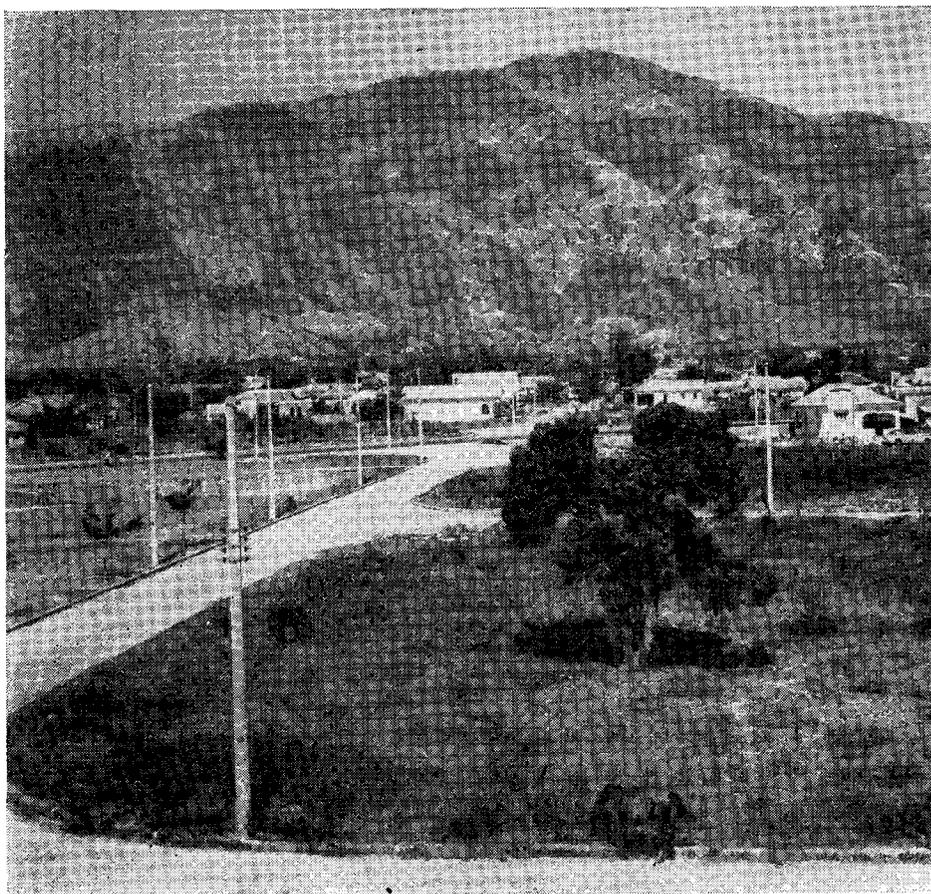
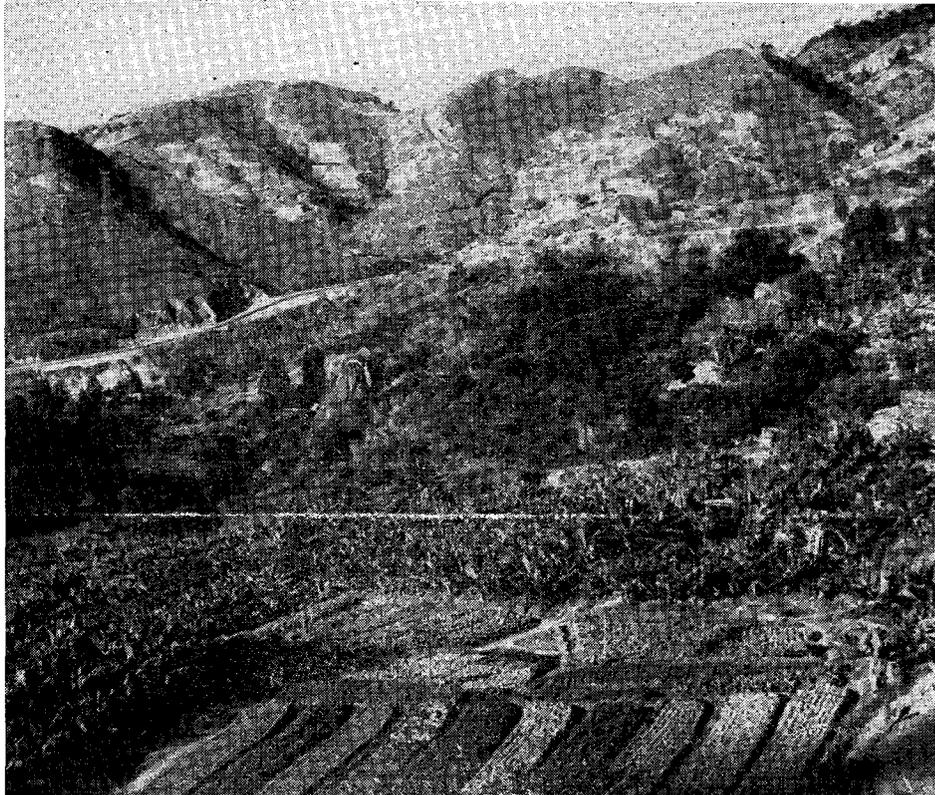


Foto 6 — A fotografia foi tomada na direção leste, junto ao colo transposto pela estrada Grajaú-Jacarepaguá. No primeiro plano o fundo aluvial de uma bacia suspensa, aproveitado por hortas e bananais. Ao fundo a vertente (soalheira) apresenta solos esgotados e com sinais de acentuada erosão segundo revelam as duas grandes voçorocas recentes. (Foto do autor, agosto de 1958).

pequenos blocos rochosos. São, antes de mais nada, fruto de uma necessidade imediata, que não resultam de cautela, visando a benefício a longo prazo. Não é raro, pois, tratar-se de um trecho de encosta, dificilmente cultivável sem tais anteparos às águas desenfreadas. A tais ensaios de proteção quanto à erosão, não são estranhos, certamente, os lavradores ilhéus, que também habitam vários trechos das montanhas cariocas.

Ao contrário dos portugueses do continente que, sistemáticamente, preferem a baixada, grande parte dos ilhéus buscam os flancos de serra para aí se estabelecerem. Na verdade, não são numerosos, se comparados com o total da população nacional aí fixada. Mas em cada uma das grandes vertentes dos maciços — quase sempre em trechos de noruega — existem algumas famílias das ilhas. É interessante ressaltar a preferência de tais imigrantes pelas serras do Distrito Federal, oriundos que são de terras característicamente montanhosas como o são as ilhas oceânicas. Por outro lado, uma vez que são quase todos provenientes da Madeira, aos recém-chegados não são estranhos diversos produtos tropicais, tais como a banana, muito cultivada nas encostas meridionais da Madeira <sup>8</sup>.

Esse movimento de penetração dos ilhéus nas serras parece ter assumido maior importância há uns quinze anos. Estão especialmente concentrados no maciço da Pedra Branca, na vertente de Campo Grande como na de Jacarepaguá, bem como na encosta sul da serra do Mendanha. A contribuição desses elementos na modificação do quadro de utilização da terra, anteriormente criado pelos caboclos, não pode deixar de ser levada na devida conta. Mas é certo que não chegaram a constituir uma paisagem agrária denotando ocupação intensiva, cuja marca característica sejam os campos de cultivo minuciosamente cuidados, a exemplo do labor intensivo aplicado nas ilhas de origem. Nada há que lembre aquelas culturas variadas em sucessivos socalcos, cuja construção beneficia certamente da abundância de rocha aflorante, mas, também, da numerosa mão-de-obra e da antiguidade da ocupação. Nada que sugira aquêle esmerado arranjo das parcelas cultivadas a que conduz a pressão demográfica, onde a busca de novos terrenos não seja mais possível.

De modo geral, pode-se dizer que os ilhéus das serras cariocas cederam mais às técnicas agrícolas vigentes, do que exerceram influências modificadoras. Assim, por exemplo, não chegando a ter possibilidades de obtenção de estrume, em quantidade suficiente, a adubação é feita em escala muito restrita. Contudo, aos ilhéus se pode atribuir, como dissemos, a existência de várias muretas de pedra e valas, visíveis naquelas encostas, bem como é a eles que se deve o desenvolvimento que vai obtendo a irrigação das plantas, a qual, não há dúvida, ainda é muito incipiente. É muito significativo que esses

<sup>8</sup> Veja-se ORLANDO RIBEIRO — *L'île de Madère*, Union Geographique Internationale, Congrès International de Géographie, 176 pp., illust., 9 mapas, Lisbonne, 1949.

ensaios de irrigação por gravidade, bem como o emprêgo de estrume, estejam ligados a uma das culturas comerciais importantes, a do chuchu.

Embora relativamente pouco numerosos, os ilhéus, via de regra constituindo jovens casais que vêm tentar a fortuna no Brasil, são conhecidos e citados como exemplarmente laboriosos e, por certo, muito têm influído nos caboclos que procuram imitá-los na variedade e no volume da produção.

Não obstante a grande prática e conhecimento das lides agrícolas, infelizmente os ilhéus não são, via de regra, elementos estáveis. Desde que adquiriram certa folga financeira, muitos procuram outro lugar de trabalho, geralmente o ambiente urbano, não sendo raros os que se tornam quitandeiros, por exemplo. Certamente, esta instabilidade é inspirada pelo desejo de prosperar em outro meio e pelo grande atrativo exercido pelos contactos com conterrâneos mais bem estabelecidos. Mas, convenhamos, o regime de propriedade predominante, por seu lado, não é de molde a desempenhar papel fixador dos povoadores. Mormente quando se tratar de elementos com justas ambições e razoáveis possibilidades que a técnica de que são portadores lhes confere.

*Regime de propriedade* — Na sua maioria os sitiantes da serra não são proprietários das terras em que trabalham. Como, de resto, também não o são em sua maior parte aquêles que fazem suas culturas nas colinas e planícies da baixada.

Alguns dos moradores das montanhas estão estabelecidos em terras públicas, geralmente nas franjas das chamadas “florestas protetoras” existentes nas partes altas dos maciços e resguardando os inúmeros mananciais que alimentam represas fornecedoras de água para a aglomeração urbana. Êsses indivíduos são reconhecidos como “posseiros”, sendo particularmente numerosos nas vertentes de certos vales que dessecam o maciço da Pedra Branca, tanto para o lado de Jacarepaguá, quanto para o lado de Campo Grande.

Como os intrusos de muitas outras zonas de terras devolutas do país, vários dêsses posseiros arrendam parte do que se atribuem como domínio e, em geral, os que se mudam vendem ou arrendam a outros os direitos e as benfeitorias. Apiedadas da sorte dos mesmos, as autoridades não os fizeram abandonar aquelas vertentes, limitando-se a impedir que novos intrusos aí fixem morada. Aos que lá estão é vedado abrir novas clareiras, construir benfeitorias (anexos), ter casas de alvenaria, etc. Vivem êles sob a ameaça de despejos que, por vêzes, parecem se esboçar mas que não se realizam.

Há, também, os que são arrendatários em grandes glebas de particulares, companhias ou instituições pias e beneficentes. Enquanto as terras do primeiro caso correspondem, geralmente, a trechos das encostas superiores, no segundo caso estão compreendidas as terras das baixas encostas, em contacto mais fácil com a baixada.

A valorização que, então, naturalmente se registra nas terras de baixa encosta é um ponderável fator de instabilidade dos sitiantes arrendatários. O loteamento e a especulação imobiliária, volta e meia estendem seus tentáculos por um trecho de pequenos "sítios". Ainda que às vezes êsse processo se detenha por força de demanda judicial, pela intervenção protetora de autoridades ou pela própria disputa de direitos entre pretensos proprietários, pouco a pouco a encosta do sopé da montanha aqui e ali vai-se integrando na paisagem dos "sítios de recreio", ou no mesmo domínio das terras abandonadas da baixada que aguardam o momento propício para ser lançado um novo loteamento. Tem-se assim êsse fato insólito e à primeira vista incompreensível, de que em alguns lugares do Distrito Federal as abas dos morros, junto às estradas que cortam a baixada em vários sentidos, estão desocupadas, enquanto que, mais acima, nas vertentes de mais difícil acesso é que se vêem trechos cultivados, legítimos quadros de ocupação rural. Assim ocorre, por exemplo, na serra do Quitungo, em algumas áreas do Mendanha e, também, no baixo vale do Pau-da-Fome em Jacarepaguá.



Foto 7 — Em Jacarepaguá, trecho de uma horta estabelecida nos valorizados terrenos aluviais da baixada. Ao fundo, mata secundária recobrendo o lado norte de um esporão da serra do Engenho Velho, uma das grandes digitações orientais do maciço da Pedra Branca. (Foto do autor, agosto de 1958).

É preciso que se diga, porém, que muitos desses arrendatários estão estabelecidos há dezenas de anos em glebas particulares ou pertencentes a associações pias, sem que se lhes fale em deixar o "sítio". E na sua maior parte esses inquilinos pagam ao senhorio um fôro ínfimo, de valor sobretudo simbólico, como aquêles lavradores da encosta do Lameirão (Campo Grande) que pagam cêrca de quatrocentos cruzeiros anuais, por sítios de cinco a sete hectares, à Igreja Metodista. E também nas encostas orientais da Pedra Branca (Jacarepaguá) diversos outros pagam, por áreas análogas, arrendamentos da ordem de duzentos cruzeiros anuais à baronesa da TAQUARA.

Entretanto, na baixada próxima, hortelões portugueses arrendam alguns metros quadrados de valorizadíssimos terrenos aluviais, por cinco, seis ou mesmo mais de dez mil cruzeiros mensais.

Em alguns lugares os sitiantes conseguem se tornar proprietários, fato, entretanto, pouco freqüente nessas serras. Assim é o caso de que dá notícia M. C. CORREIA GALVÃO<sup>9</sup>, o dos moradores estabelecidos nas terras do Banco de Crédito Móvel, na região que drena para a Vargem Grande (vertente meridional da Pedra Branca).

*Fases da vida rural* — Ao que parece, a ocupação mais intensa das terras de montanha não é fato muito antigo. Naturalmente que as partes mais baixas, dada sua maior acessibilidade, constituíram de longa data uma espécie de complemento ao espaço agrícola da baixada. Do mesmo modo, a ocupação precocemente se alargou para dentro dos maciços, aproveitando as profundas incisões de certos vales mais importantes, sem ter sido assim, levada a atingir grandes altitudes. A ocupação nos fundos de vales, esporões e baixas rechãs que constituem o domínio das encostas inferiores estêve sempre ligada à longa evolução por que passou a baixada, desde os primeiros engenhos coloniais. Assim, a lavoura itinerante — sempre associada às zonas agrícolas, de lavoura comercial ou meramente de subsistência, esbata-se como uma onda, galgou parte daqueles sopés.

Não se conhecem bem as relações entre as fases de intensificação da ocupação nas serras e as vicissitudes da salubridade da baixada. Mesmo porque, nos fins do século XVIII, novo fator econômico assumiria certa importância na economia rural. O café veio a ser o responsável pela ativa ocupação de vários pontos das encostas serranas. O café na serra teve a função desbravadora da cana-de-açúcar na baixada.

LAMEGO<sup>10</sup>, citando vários autores, lembra-nos como a onda verde se alastrou pelas ondulações do recôncavo guanabario e investiu contra as encostas íngremes dos maciços. Particularmente a serra da Carioca e outras digitações do maciço da Tijuca veriam multiplicarem-se os cafêzais. Numerosas fazendas também surgiram no Gericinó e Mara-

<sup>9</sup> MARIA DO CARMO CORREIA GALVÃO — *Op. cit.*

<sup>10</sup> ALBERTO RIBEIRO LAMEGO — *O Homem e a Guanabara*, Conselho Nacional de Geografia, Rio de Janeiro, 1948, p. 149.

picu (Mendanha) e, ao que parece, em alguns dos vales da Pedra Branca. O certo é que por tóda parte, na serra, o café vai abrir novas clareiras, em busca de terras húmas. É significativo que, na imensa fazenda de Santa Cruz, o lugar mais adequado ao café fôsse o sítio da Serra, segundo depoimento da época<sup>11</sup>.

Não obstante o grau de expansão da cafeicultura na área que nos interessa e sua ascensão pelos morros nas fazendas, com raras exceções, os cafèzais não se afastaram muito da baixada e dos vales. E assim, passado o período cafeeiro, relativamente curto, teria havido como que uma sorte de regressão da ocupação das encostas. Por outro lado, os inconvenientes dos declives acentuados das vertentes cariocas são, sistemáticamente, assinalados pelos autores que historicam a expansão da cultura do café no Distrito Federal. Essa cultura não chegou a ter caráter avassalador como no vale do Paraíba, varrendo a mata de quase tódas as encostas, com exceção, talvez, dos lugares mais próximos à cidade. Isto porque, de um lado, a região foi mais interessada pelo ciclo cafeeiro em seus primórdios, quando as técnicas rudimentares não eram de molde a permitir grandes áreas de cultivo. Por outro lado, as grandes propriedades de então não chegaram a abrigar grandes cafèzais, como aconteceria com uma fazenda normal da fase áurea do vale do Paraíba, quando as técnicas estariam já plenamente sistematizadas, permitindo a formação e manutenção de plantações imensas. Assim sendo, muita terra de vertente com razoável teor em húmus, ainda permaneceu nas serras cariocas, e as roças de subsistência ainda encontram espaço bastante para permitir aumento contínuo do número de sítiantes.

Fase importante na economia local foi também a da exploração de lenha e de carvão vegetal. Ela atingia sobretudo o maciço da Pedra Branca e o Mendanha, zonas mais afastadas, mas características daquilo que veio a ser denominado "sertão carioca". Lenhadores e carvoeiros devastaram grandes áreas serranas em ação desenfreada que durou até época relativamente recente, há menos de uma vintena de anos. Sòmente quando redobrou o interêsse e a vigilância da parte do govêrno, para resguardar da destruição total as florestas das altas encostas, é que veio a desaparecer essa forma de extrativismo vegetal.

Êsses lenhadores e carvoeiros penetravam por tóda parte onde não tinha ainda se estabelecido o sítiante. Em 1919, segundo depoimento oral do professor ALÍRIO H. DE MATOS, nas partes superiores das vertentes do Mendanha não existiam senão lenhadores e carvoeiros, não tendo êle encontrado aí um único lavrador.

A pequena lavoura de subsistência na serra é, entretanto, atividade muito antiga e caracterizou muito bem a ocupação da serra até nossos dias. Roças do tipo clássico, tal como são praticadas pelos nossos caboclos, existiram em grande número, como, por exemplo, nas encostas inferiores do chamado Cabuçú, em Campo Grande, segundo

<sup>11</sup> AFONSO DE E. TAUNAY — *História do Café no Brasil*, vol. 2.º, tomo II, p. 140.

depoimento de moradores que ainda se lembram das mesmas. Outro exemplo é também a serra na zona da Vargem Grande, onde até pouco tempo eram numerosas as casas de farinha<sup>12</sup>. Milho e feijão, bem como a farinha eram produtos abundantes nas íngremes vertentes dos arredores do Rio de Janeiro, excetuados os flancos orientais do maciço da Tijuca. Caracterizavam, dêste modo, uma fase em que a economia rural da montanha mais se assemelhava à do remoto interior do país.

O caminhão e o ônibus vieram contribuir para modificações mais rápidas. Assim, por exemplo, a maior propagação da cultura da banana deve muito às facilidades de escoamento que as primeiras estradas de rodagem vieram proporcionar. Atualmente, os bananais recobrem considerável proporção das áreas de encostas noruegas e, inegavelmente, constituem característica de vulto da economia rural carioca. São elas um importante sustentáculo econômico para a maior parte dos sitiantes da montanha. Juntamente com as bananeiras, foi também se propagando um outro produto destinado a venda, o chuchu, cuja vaga importância já fôra assinalada nos anos próximos de 1930<sup>13</sup>.

É fato importante a anotar que, ao contrário das normas de evolução da paisagem rural brasileira, a cultura da banana não veio sofrer abalo apreciável quando os laranjais surgiram com ímpeto realmente avassalador. Recobrando tôda a baixada, como nenhuma outra cultura o havia feito anteriormente, as laranjeiras galgaram igualmente as serras, com o mesmo impulso exclusivista. Mas não deslocaram sensivelmente os bananais, pelo simples fato de que essas duas culturas, como vimos, interessam a diferentes tipos de terra das encostas cariocas. Estabeleceu-se assim um processo de justaposição e não superposição, no quadro do uso da terra.

Passada a fase febril da citricultura, sobreveio o enorme surto imobiliário no Rio de Janeiro e a baixada, como se sabe, passou a ser, por sua vez, objeto de especulação imobiliária. De modo geral, as terras em que, por um motivo ou por outro, se mantiveram os laranjais passaram a ocupar na paisagem espaço bem menor do que aquelas cujo abandono veio a ser causado pela especulação. Na zona de Campo Grande e, melhor ainda, na zona de Nova Iguaçu, podem ser muito bem observados os laranjais maiores e mais numerosos nas encostas das serras, onde ainda resiste a ocupação agrícola, em contraste com os grandes trechos de terras inaproveitadas, no sopé das mesmas.

Forçada a especulação, a depressão demográfica na baixada, se assim podemos nos exprimir, levou gradativamente a uma maior intensidade de ocupação nas vertentes. Por outro lado, essas terras, mesmo íngremes, passaram a ter sua devida importância face à sua posição junto ao grande mercado, fato que em parte foi acarretado pela enorme elevação dos preços da terra na baixada. E assim, neste último quartel de século não somente a população das serras aumentou extraordinária-

<sup>12</sup> MARIA DO CARMO CORREIA GALVÃO — *Op. cit.*

<sup>13</sup> MAGALHÃES CORREIA — *O Sertão Carioca*, p. 145.

mente<sup>14</sup> como também a produção se voltou para artigos de maior valor no mercado, conforme tivemos oportunidade de mencionar.

Nesta nova fase, a influência dos lavradores portugueses na baixada e, muito particularmente, dos ilhéus nas serras, não pode ser esquecida. Os próprios caboclos, expressando a influência recebida quanto à difusão de novos produtos agrícolas, designam as “miudezas” (produtos hortícolas) de “plantas de português”. Além disso, em seus depoimentos, vários dentre eles reconhecem que com os ilhéus aprenderam ainda outras coisas, tais como “virar” a terra, isto é prepará-la bem antes da cultura, sobretudo de tubérculos e os incipientes trabalhos de defesa contra a erosão, a que nos referimos anteriormente.

À medida que se intensificava a ocupação nas serras, os novos moradores iam procurando altitudes maiores, onde encontravam terras disponíveis. Os ilhéus, especialmente os do maciço da Pedra Branca, estão instalados em grandes altitudes.

*A paisagem cultural e o papel da circulação* — Como resultado de toda essa evolução constituiu-se uma paisagem de sítios, com produção variada, em que o traço marcante é a utilização da terra, obedecendo ao esquema impôsto pelas condições de exposição. Por outro lado, uma paisagem em que a ocupação improvisada não se reflete apenas nas práticas agrícolas.

A precariedade da maior parte dos estabelecimentos se reflete nas pobres casas de pau-a-pique (ainda que cobertas de telhas francesas). Mas, quando há propriedade da terra, a casa, vê-se logo, melhora de aspecto. Geralmente é construída de alvenaria e como que afogada por um conjunto de variadas árvores frutíferas. Em qualquer trecho de serra, as habitações se disseminam ao sabor das circunstâncias topográficas. Aproveitam aqui um pequeno alvéolo suspenso, ali uma rechã e, em não poucos casos, valem-se de uma incipiente terraplanagem natural propiciada pelos grandes matacões. Pois, à medida que foram ficando naquelas encostas íngremes, os inquilinos foram procurando aproveitar os trechos mais favoráveis. Daí, por outro lado, a frequência dos perímetros bastante irregulares dos estabelecimentos. Em certos pontos, a malha fundiária assume o aspecto de um verdadeiro *puzzle*.

A rêde esgalhada e um tanto confusa dos caminhos completa o quadro. Caminhos tortuosos, criados espontâneamente, onde quase sempre os declives são vencidos de modo pouco inteligente. São, por isso, penosas as subidas e descidas pelas pessoas, tanto mais que os muares de carga danificam enormemente aquelas estreitas trilhas.

O burro é o elemento indispensável para o transporte, e êle por sua vez imprimiu algumas marcas nítidas na paisagem. Sem êle não é possível descer a produção. E é êle que justifica a existência das numerosas trilhas que riscam as encostas em todos os sentidos. Na

<sup>14</sup> Compare-se, por exemplo, a carta do Distrito Federal do Serviço Geográfico do Exército (1922) e aerofotos recentes.



Foto 8 — Lavrador des-  
cendo seu cargueiro de  
banana do alto do Men-  
danha. O burro, como  
assinalamos, constitui um  
traço dos mais caracte-  
rísticos da geografia hu-  
mana nas serras cariocas.  
(Foto do autor, julho de  
1954).



Foto 9 — Barracões para  
os "pregados" (caixas) e  
"estufa" para banana  
no entroncamento de  
uma das numerosas tri-  
lhas que, da estrada do  
Guandu do Sena, de-  
mandam o interior do  
Medanha. (Foto do au-  
tor, agosto de 1958).

sua maior parte, os sitiante têm pelo menos um dêsse animais de carga, existindo, mesmo, alguns poucos moradores, cuja atividade econômica principal é a prestação de serviços de transporte, com pequenas tropas de burros de sua propriedade.

Nos sítios das serras os muares, via de regra, são conservados em pequena estrebaria, muitas vêzes oculta pelas reentrâncias do relêvo e nem sempre situada junto à casa. São êles que fornecem o pouco estrume que é usado por aquêles lavradores. A dificuldade, para muitos, em manter pastos e, portanto, a necessidade de prover à alimentação dos animais tira ao sitiante a possibilidade de possuir muitas cabeças de muares. A dificuldade de existência de pastos decorre não sòmente do relêvo como também da atividade do sitiante que, sendo agricultor em local de trabalho penoso, tem o tempo limitado para cuidar de gado sôlto, fincar cêrcas, tratar do pasto, etc. Mas há também um outro fator importante. É que nas vertentes noruegas o capim pouco persiste ao contrário das soalheiras em que o capinzal, como vimos, é muitas vêzes a vegetação característica e permanente. Tanto assim que não são poucos os que, possuindo em seu sítio trechos de capinzais em soalheira, podem manter seus animais com maior facilidade que os outros. Caso contrário, é na baixada que se vai buscar o capim, a principal forragem utilizada. Os próprios animais que, pela manhã, descem carregados com os produtos agrícolas, sobem mais tarde ocultos em um verdadeiro monte de forrageiras nativas. Isto acontece com maior intensidade na região do Mendanha, onde a exposição uniforme dos planos de vertente faz com que predominem as encostas de noruega, mas é freqüente também, nos outros flancos do maciço voltados para o sul, tal como na região da Vargem Grande.

Esta dependência regular dos capinzais das colinas e planícies de sopé, não é senão um aspecto das múltiplas relações que se estabelecem entre a serra e a baixada. Outra expressão muito interessante de tais relações é a articulação do burro e do caminhão, para o escoamento das safras das encostas. São duas órbitas econômicas que então se entrosam. E poucas pessoas avaliam como ainda é importante a função da tropa de burros a algumas dezenas de quilômetros da praça Mauá, tal como acontece em pleno sertão brasileiro.

Muito raramente as estradas de rodagem deixam o nível da baixada. Isto ocorre quase sòmente nas zonas não agrícolas do maciço da Tijuca. As trilhas das serras vêm terminar, então, no sopé, onde se localiza o barracão, um tôsko depósito utilizado em comum, que serve também de estufa para as bananas. Muito curioso de ser observado é o modo como se articulam as trilhas e a rodovia.

De modo geral, quando existe um vale importante, que no interior do maciço se esgalha à maneira de um grande anfiteatro, também o verdadeiro emaranhado de caminhos conduz, do alto para baixo, a uma convergência, no lugar em que o vale se abre para a baixada. A circulação das tropas tende, então, para uma convergência que pode

ser em um ponto — como no Rio da Prata (Campo Grande) ou em Pau da Fome (Jacarepaguá) — ou em uma área — como na região da Vargem Grande. Esta convergência propicia o desenvolvimento de um comércio local, ainda que seja uma simples venda. Dêste modo, a circulação local das pessoas e mercadorias imita, no seu padrão, a drenagem fluvial.

Quando não ocorre a circunstância acima, a tendência é para uma conexão em vários pontos, ao longo da rodovia coletora. De certo modo, assim ocorre no sudoeste do maciço da Tijuca, na zona do Muzenca. Mas o exemplo mais interessante se verifica ao longo do Mendanha. A estrada corre paralelamente às cristas do Quitungo e do Mendanha, junto ao vale longitudinal do Guandu do Sena, e nela vêm ter as trilhas, à maneira de uma grande espinha de peixe. Escusado será dizer que, nesse caso, são poucas as probabilidades do aparecimento de um ponto de comércio.

Não deixa de ser recente o triunfo do caminhão sobre o transporte em lombo de burro, fora do âmbito serrano. No comêço da década de 1930 as tropas ainda vinham em grandes caminhadas até a cidade. Saindo, como de costume, os nossos tropeiros à noite de seus ranchos, com sua tropa, ora a cavalo ora a pé, vão como formigas em correição, pelas estradas do Pica-Pau, das Furnas, dos Três Rios, do Rio Grande, de Guaratiba, até a Tijuca, Andaraí, Bôca do Mato, Méier, Engenho de Dentro, Inhaúma...”<sup>15</sup>.

O isolamento maior em que vivia aquela gente, antes da chegada do caminhão até o sopé da serra, mantinha-os em um tipo de economia em que a produção para subsistência assumia papel relevante. Em seu citado estudo sobre a Vargem Grande, MARIA DO CARMO CORREIA GALVÃO assinala, justamente, como o armazém (diríamos: o caminhão) veio influir na mudança para um tipo de economia mais voltada para o mercado, com o sacrifício de atividades tradicionais. O isolamento foi enormemente atenuado, mas não se pode dizer que tenha sido eliminado. Há famílias que vivem naqueles altos de serra e que raramente vêm até a baixada, por exemplo. Pois, além do desconforto, aquelas trilhas rústicas originam sensível alongamento das distâncias pelo tempo de caminhada. Sitiantes há que gastam mais de duas horas para trazerem suas cargas das altas vertentes, em que habitam, para a baixada, tempo êsse suficiente para que um caminhão, saindo de Campo Grande, atinja o centro do vale do Paraíba.

O tipo de transporte ligado às condições topográficas assume papel de particular importância na compreensão de alguns dos contrastes da ocupação humana. O progresso das estradas de rodagem pela baixada até a base das serras (algumas vêzes penetrando por vales até o ponto em que não haja necessidade de fortes rampas), veio, inicialmente, restringir a área de economia primitiva aos flancos de serra. Aquilo que, por suas características humanas, de certo modo poderia ser:

<sup>15</sup> MAGALHÃES CORREIA — *Op. cit.*, p. 142.

Foto 10 — A venda de Pau da fome (vale do rio Grande, Jacarepaguá) com seu característico alpendre. (Foto do autor, agosto de 1958).

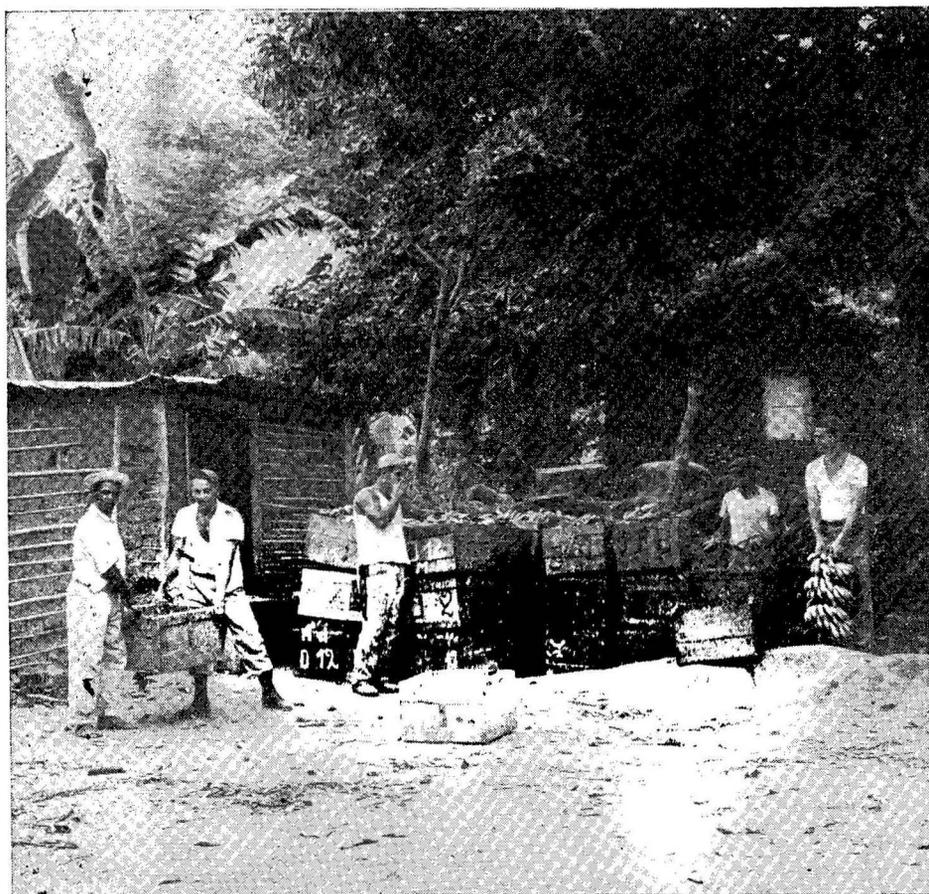


Foto 11 — Preparando os "pregados" de banana, no pátio ao lado da venda de Pau da Fome. Vê-se parte da rústica estufa de pau a pique. Até aqui vêm os muareiros que trazem as mercadorias que são então carregadas pelos caminhões. (Foto do autor, agosto de 1958).

chamado o “sertão” carioca, sofreu então recuo interno considerável. Ao publicar seu muito citado livro, MAGALHÃES CORREIA muito a propósito evidenciou todo um conjunto de gêneros de vida arcaicos que êle encontrou a poucos quilômetros da capital. Todos aquêles tipos rurais os carvoeiros, tropeiros, roceiros e outros, mostraram-se pouco compatíveis com o progresso das estradas e o crescimento da cidade, passando a ser excrescências na baixada.

Porém, mesmo a economia da serra veio a sofrer, mais recentemente, certa transformação. Com efeito, ao mesmo tempo que a febre de loteamentos, que acompanham as estradas, veio se deter nas baixas encostas, a produção nas vertentes se tornou caracteristicamente comercial. A multiplicação dos sítios de recreio na zona de Jacarepaguá ou em certos trechos de Campo Grande, por exemplo, materializa muito bem essa impressão de um recuo gradativo do pequeno lavrador na baixada em favor da serra.

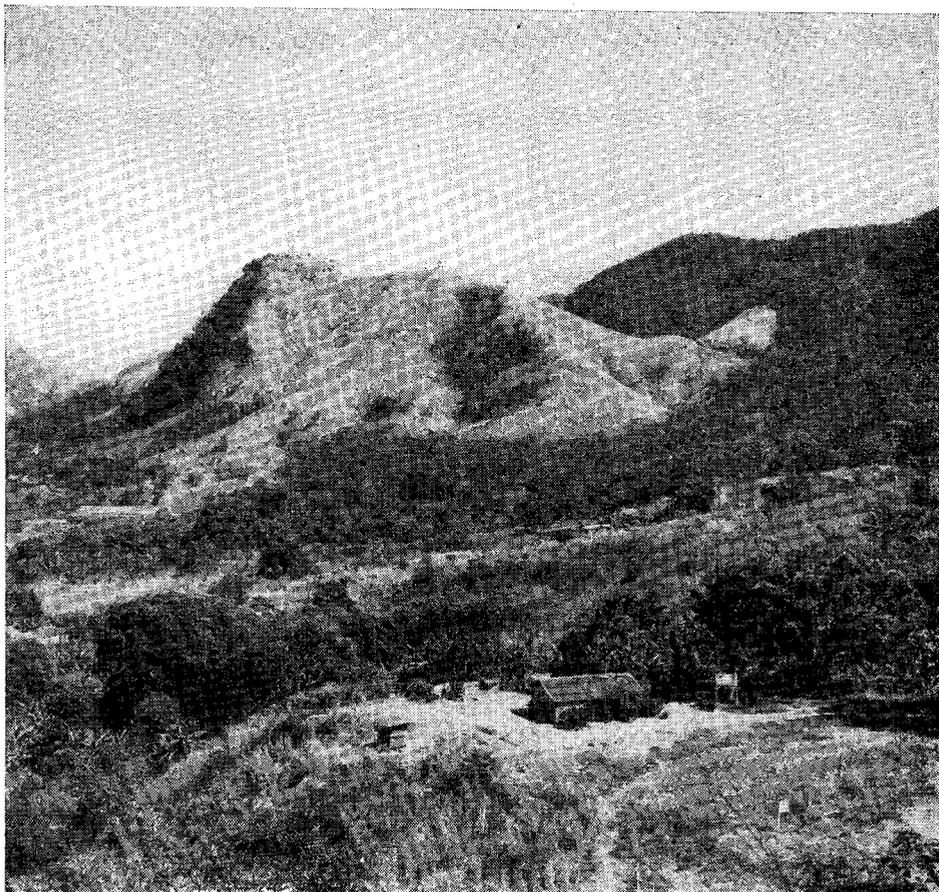


Foto 12 — Aspecto da paisagem cultural no pé do Morro do Quilombo (baixo vale do Cachoeira, próximo à Barra da Tijuca, foto para oeste). Pelas formas irregulares dos trechos cultivados, pela indiferença dos mesmos aos acentuados declives, pelo arranjo das árvores frutíferas e bananeiras junto à habitação de escassos e precários anexos, estamos em frente a uma paisagem semelhante a muitas outras que encontramos no interior, afastadas dos centros urbanos de importância. As tabuletas que se vêem no canto direito inferior indicam a penetração do loteamento nos trechos suaves do sopé. (Foto do autor, agosto de 1958).

O que se vê, então, é que a falta de rodovias constitui, de modo paradoxal, uma tranqüilidade para os sitiante das serras. Se a inexistência das mesmas, por um lado, é desvantagem para os mais esclarecidos e mais ativos que poderiam assim aumentar sua produção com o mais fácil escoamento, por outro lado, ela os livra da voracidade dos loteamentos e da penetração dos elementos citadinos.

Diga-se de passagem que as serras constituiriam um domínio mais adequado para esse gênero de propriedades: ar mais puro, mais fresco, panoramas agradáveis e mais variados.

\* \* \*

Não é exagêro, então, dizer que a serra se torna agora o refúgio do pequeno agricultor do Distrito Federal. Infelizmente, um refúgio pouco adequado. A ocupação agrícola torna-se mais densa em terrenos com fortes declives, enquanto aumenta a área das propriedades inaproveitadas na baixada. É o contrário, justamente, do que se pode observar em países muito povoados. Normalmente, a procura de terras em declives tão acentuados somente aumentaria, quando tôda a baixada estivesse plenamente ocupada. E, mesmo assim, só se compreenderia uma agricultura em bases racionais em que a construção de socalcos constituísse uma das primeiras exigências. Seria, então, verdadeira conquista de um novo espaço agrícola e não uma ocupação efêmera como deixam entrever os efeitos da erosão em muitas das encostas desnudas.

---

#### SUMMARY

Distrito Federal presents in all its extension strong physiographical and cultural contrasts. The two opposing landscape — the lowlands and the mountain — reveal curious aspects what concerns the rural settlement and its antagonism to the urban expansion. Although the human occupation of the mountainous area does not present high densities, it is an important one.

After this introduction, the author shows how the three massifs (Pedra Branca, Tijuca and Mendanha) which arise from the lowland characterize Distrito Federal as a mountainous littoral region; he speaks also of some isolated hills with inferior altitudes them the first ones.

He calls the attention for the general direction (ENE-WSW) of the outcrops which is the same followed by the topographic evolution. As a consequence of that the relief features show steep slopes faced north and south; it characterizes not only the topography but also explain the land use.

Relating these two factors the author shows that there is in the cultural landscape of the mountainous cultivated zones of Distrito Federal a certain uniformity given by the way the cultures appear on the slopes of the mountain, and also the vegetal coverture.

Two aspects completely different present the opposing slopes of the same range. In the humidity is the reason of such differences although the role of the insolation is very important too.

This difference is of great importance for the plowman and they distinguish two kinds of earth: those less humid and more hot, those humid and shadowy, cultivating the plants on account if its "habitat" necessities.

But in the general landscape the author observes that the agrarian landscape shows variable aspects. So besides the banana and orange plantations the vegetables have an important place in the cultures which are very diversified.

The products are sent to markets and open-air markets but several of them as beans and corn are used for subsistence, the last one destined for poultry:

When the man owns the land he cultivates fruit trees and even coffee — trees around his house for its own consumption.

The fight against the erosion is not known of the plowmen. Although this is a common fact in our agriculture the importance of the market of Rio de Janeiro should make possible the introduction of technics to preserve the soil.

What concerns the conservation of soils the influence brought by Portuguese was very important. Although their cultures do not constitute an agrarian landscape apart the influence of their technics can be felt on the Brazilian "colonos". But the system of properties do not let them be constant elements in this region.

The great majority of the "sitiantes" of this area of Distrito Federal are not the owners of the lands they cultivate, being an exception a few number of plowmen situated in the mountainous part of this zone. Many of them are settled in state lands on the higher parts of the mountain and are called "posseiros": others rent private lands which belong to companies or institutions, paying a very low rent for them but in the lowlands the alluvial soils are much more worth.

The land speculation and its separation into lots on account of its increasing value are the responsible factors of the instability of the "sitiantes" settled on the low slopes of the hills; that is why they become rapidly abandoned lands while those situated in them mountain continued to be cultivated.

Analysing the facts of the rural life the author explains that the mountainous zone is of recent occupation while the lower hills and several valleys are related closely to the evolution of the region since the first colonial sugar mills.

Coffee was the next factor of occupation, after the sugar cane out in spite of its expansion it did not reach the higher slopes of the mountain. This area was reached in the next phase — a very important one — that of exploration of vegetal and fire-wood.

The roads built contributed largely to the rapid transformation this zone endured for they make possible to place the merchandises in the markets easily; so the culture of bananas was spread all over the humid slopes of the mountain being now one of the characteristics of this area; others products as "chuchu" uvas also cultivated for sale.

When the orange phase came there was a juxtaposition of cultures and not a superimposition; for banana and orange need different types of soil.

After this phase came the one of land speculation in the lowlands. As a result of it the population in the mountain increased and the cultures were substituted for higher prices products. The influence of Portuguese in this phase can not be forgotten.

Through all this evolution we can see that the region presents a landscape of little farms in which outstanding feature is the land use subordinate to physical conditions; the agriculture practices show that here the land occupation is an improved one and so are the houses "pau-a-pique" or of material, sparsed on account topographic circumstances. The confused net of ways found in the mountain and the difficulty of circulation make of the ass the principal element for transportation.

An interesting aspect of the relations between the mountain and the lowlands is the articulation between the ass and the truck in order to place the product in the market: it is curious to observe the manner how the foot ways and the roads are articulated.

This kind of transportation joint to the topographical conditions aid the comprehension of some contrasts the region presents.

As consequence of the construction of roads in the lowlands, the agriculture of the valley move back in direction of the slopes of the mountain and become a more commercial one.

The author concludes his paper saying that the mountain is now the refuge of the "sitiantes". The land occupation is much more dense on the abrupt slopes while the lowlands become improductive. This is not observed in densely populated countries for the search for new lands is accomplished only after the lowlands are totally occupied. Of course presumes an agricultural based on rational conditions, a real agricultural conquest and not an ephemeral occupation of the region.

#### RÉSUMÉ

Dans toute son étendue le District Fédéral présente de forts contrastes physiographiques et culturels. L'opposition de deux types de paysages — la plaine et la montagne — révèle des aspects assez curieux si l'on considère les formes de l'occupation rurale et leurs conflits avec l'expansion urbaine. Et bien qu'elle ne présente pas des densités élevées, l'occupation humaine des zones de montagne a une importance qu'on ne peut dédaigner.

L'auteur montre, ensuite, de quelle sorte les trois massifs (Pedra Branca, Tijuca, Mendanha) s'opposent à la "baixada" et caractérisent le District Fédéral comme une région de littoral et de montagne, possédant encore quelques crêtes isolées qui se détachent dans le paysage.

Il fait ressortir la direction générale (ENE-WSW) des affleurements allongés, conséquence de l'évolution topographique. Le relief qui en résulte, avec des côtes abruptes tournées vers le nord et vers le sud, non seulement caractérise la topographie "carioca" comme il est aussi très important pour l'utilisation du terrain.

Le rapport de ces deux facteurs montrent une certaine uniformité dans le paysage des zones agricoles de montagne. Cette uniformité s'exprime par la constance de deux aspects, absolument différents aux flancs opposés d'un même alignement, soit dans le type de l'utilisation du terrain soit dans la forme de la récomposition végétale.

Le premier facteur auquel on peut attribuer ces différences est l'humidité, surtout quand elle est incorporé au sol.

Les fermiers attribuent une grande importance à ces contrastes. Ils distinguent deux sortes de terrains: a) secs et chauds; b) humides dans l'ombre; cultivant dans les uns comme autres des plantes d'habitat différent. Cependant, en un même versant et dans la constance des divers aspects, le paysage agraire reflète une grande variété. D'où la polyculture, avec prépondérance des légumes, des bananes et des oranges.

La plupart des produits va vers les marchés, d'autres se destinent à la consommation personnelle; ainsi les haricots et le maïs, celui-ci réservé encore au maintien des petits animaux qui vivent dans les "sitios".

Quant le fermier est propriétaire ou lorsqu'il a acquis une certaine stabilité il plante des vergers ou même des pieds de café pour sa consommation.

La notion des effets de l'érosion fait complètement défaut aux laboureurs. Ce fait est malheureusement commun à l'agriculture brésilienne. Dans ce cas particulier, l'importance des marchés demanderait l'emploi des techniques rationnelles de préservation du sol.

L'auteur étudie, alors, l'influence des laboureurs des îles portugaises qui habitent les montagnes et celle des portugais du continent qui préfèrent généralement la plaine. Il faudrait tenir compte de la contribution de ces éléments, bien qu'ils n'aient pas encore réussi à reproduire au Brésil le paysage agraire caractéristique de leur patrie. Connus comme très laboureurs et imités par les natifs, ils manquent cependant de stabilité, ce qui est dû au régime de propriété.

À l'exception d'un petit nombre, les fermiers de montagne, comme ceux des collines et ceux de la plaine ne sont pas propriétaires de la terre où ils travaillent. Quelques uns se sont établis en des terres publiques, dans le haut des massifs et sont appelés "posseiros". D'autres louent des fractions des glèbes de particuliers, de compagnies ou d'institutions, payant une somme minimum. Tandis que, dans la plaine, des maraichers portugais afferment quelques mètres carrés de terrain d'alluvions pour bien plus de mil cruzeiros.

La valorisation par le lotissement ou par la spéculation immobilière est aussi un puissant facteur d'instabilité. Les fermiers des régions basses s'emparent alors des terres abandonnées ou bien ils sont forcés de cultiver le haut des versants dont l'accès est des plus difficiles.

En analysant les phases de la vie rurale, l'auteur rappelle que l'occupation des montagnes est assez récente. Mais dans les parties plus basses et dans les vallées, l'occupation a été liée à l'évolution de l'agriculture de la "baixada", depuis l'époque coloniale.

Ensuite le café, en ouvrant des clairières à la recherche de l'humus a déterminé l'occupation des côtes; cependant malgré leur expansion les caféiers ne se sont pas trop éloignés de la "baixada" et des vallées. Après la période du café il y a eu une régression des versants.

L'exploitation du bois et du charbon végétal dans les zones plus éloignées constitua une phase importante dans l'économie locale. Des bûcherons et des charbonniers ont dévasté de grandes étendues de montagne, pénétrant partout où les fermiers ne s'étaient pas établis. Le petit labourage avec ses "roças" habituelles de maïs et de haricots a caractérisé une phase de l'économie rurale de la montagne.

La facilité d'écoulement survenu avec les nouvelles routes d'autos a amené des modifications dans le paysage; on voit aujourd'hui de grandes étendues de bananiers dans les versants humides à côtés d'un autre produit très vendu, le chuchu.

L'auteur remarque que la culture des bananes n'a pas particulièrement souffert tandis que les orangers se sont repandus non seulement dans la baixada mais aussi sur les flancs des montagnes. Les deux cultures ayant besoin pour prospérer de sols de différentes qualités se sont juxtaposées.

Après la phase de prospérité des orangers, la "baixada" a connu celle de la spéculation immobilière. En conséquence, les montagnes se sont peuplées et l'activité s'est concentrée sur les produits de plus grande valeur commerciale. Là encore on peut ressortir l'influence des laboureurs portugais.

Un paysage de petites propriétés avec une production diversifiée, adaptée aux conditions du milieu resulta de toute cette évolution. L'occupation de passage se révèle encore dans la précarité des maisons de pau-a-pique (bois et argile).

Tout un réseau de petits chemins intègrent le paysage. La circulation y est si difficile que le transport doit être fait à dos d'âne.

Une curieuse relation s'établit ainsi entre la montagne et la "baixada — l'articulation de l'âne et de l'auto pour l'écoulement des récoltes.

Le type de transport lié aux conditions topographiques joue un rôle important dans l'occupation humaine. Les routes ont favorisé le lotissement. Comme celui-ci s'arrête aux pieds des montagnes, les laboureurs ont envahi les versants et se concentrent surtout sur une production caractéristiquement commerciale.

L'auteur nous montre, pour conclure, que la montagne est le refuge, peu convenable, du petit laboureur. L'occupation est devenue plus dense dans les versants abrupts en même temps que dans la plaine, l'étendue non cultivée augmente. Ce qui est tout à fait irrationnel et qui laisse prévoir que l'occupation agricole des monts du District Fédéral sera une occupation éphémère.